

Brasileiros na República Tcheca

Experiências de desejo e de afastamento numa terra distante

Sergio Pocinho de Oliveira

Antropólogo

Fundação para a Ciência e Tecnologia¹

Introdução

Este artigo tem como objectivo uma caracterização das condições e particularidades da presença de brasileiros na República Tcheca. Como breve introdução, começamos por referir o facto da migração do Brasil para este país ser um fenómeno relativamente recente, pelo menos na sua forma de um fluxo de pessoas relativamente continuo e bem estabelecido. De todos os entrevistados, o migrante que se encontrava há mais tempo no país de forma permanente contava com uma experiência de cerca de dez anos. Acredita-se que, por volta desta data, os brasileiros aqui presentes se contassem por umas poucas dezenas. Este número tem vindo a aumentar sobretudo nos últimos cinco anos, estimando-se que hoje, entre migrantes legalizados e não documentados, estejam presentes algumas centenas de brasileiros. Se quantitativamente comparados com migrantes de outras origens, como os oriundos da Ucrânia ou Vietname, podemos considerar que o seu número continua a ser relativamente pequeno. No entanto, e como desenvolveremos na continuação desta exposição, o “brasileiro” dispõe de alguma visibilidade na sociedade tcheca, seja simplesmente como estrangeiro, seja como representante de uma “cultura brasileira” cada vez mais popular, dadas as suas componentes específicas de exotismo e de diferença. Quanto a localização geográfica, a grande maioria concentra-se na capital, Praga. Pudemos verificar a presença de alguns brasileiros residentes em Plzen e Brno,

¹ As reflexões e dados etnográficos constantes da exposição inserem-se num estudo mais vasto dedicado às migrações brasileiras para diversos destinos europeus, no âmbito da tese de doutoramento „Brasileiros na Nova Europa“, suportada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal

tal como em outras pequenas cidades, não passando no entanto de algumas dezenas no total. Assim, as considerações aqui apresentadas emergem de uma análise realizada sobretudo entre os migrantes residentes em Praga, sendo que a sua generalização para outros contextos poderá ser realizada, desde que se tenha em conta as suas respectivas particularidades.

No que se refere aos modos como será abordada esta caracterização, optamos por desenvolvê-la em alguns dos campos mais pertinentes para a vida social e quotidiana dos migrantes. Assim, na primeira secção daremos atenção ao contexto legal que encontram no país, procurando traçar algumas das suas influências nas práticas e experiências dos brasileiros. De seguida, nos dedicaremos a caracterização do contexto simbólico que encontram na sociedade tcheca, a que estão sujeitos dada a sua origem, e a sua consequente inserção em categorias interpretativas genéricas como a de “estrangeiro” ou “brasileiro”. Posto isso, poderemos explorar os modos como estas representações e identidades se imiscuem na constituição tanto da sua experiência laboral como social. Daremos ainda alguma atenção as dinâmicas sociais ligadas ao fenómeno linguístico, e por fim teceremos algumas considerações em relação aos dados e reflexões apresentadas.

O Contexto Legal

No ano de 1989 a Tchécoslováquia assistiu a uma das maiores transformações políticas, económicas e sociais da sua história recente. O fim do regime comunista, naquela que ficou conhecida como a *Revolução de Veludo*, e a transição para um modo de organização democrático e capitalista trouxeram consequências para os mais diversos níveis da sociedade. Naturalmente, implicou também mudanças profundas nas formas e características dos fenómenos migratórios no país. Até a revolução, os modos de organização do trabalho, da habitação e dos movimentos de pessoas estavam sobretudo condicionados pelas directivas governamentais, deixando pouco espaço para decisões autónomas e individuais de migração. Exemplo disso é o facto da presença de cidadãos estrangeiros derivar sobretudo de acordos intergovernamentais com países orientados pela mesma ideologia, como seja o caso do Vietname. Os seus cidadãos começaram a estabelecer-se na Tchécoslováquia em meados dos anos setenta, e hoje constituem uma das comunidades estrangeiras mais antigas e numerosas no país.

Outros acordos referiam-se a presença de estudantes ou trabalhadores qualificados, de países como Angola ou Cuba. É neste contexto que temos notícias de alguns brasileiros em visita ao país, sobretudo intelectuais e artistas ligados ao partido comunista². Também a saída de cidadãos tchecos era restrita, com um movimento para o exterior bastante limitado pelo governo. Como alternativa a emigração legal, os cidadãos tchecos dispunham da possibilidade de fuga definitiva e o conseqüente exílio em países do outro lado da Cortina de Ferro, em geral procurando maiores liberdades individuais e melhores condições de vida.

A Revolução trouxe um sentimento generalizado de maior liberdade, o que incluiu um aumento dos movimentos para dentro e fora do país. Sentia-se o controle das fronteiras como um instrumento de dominação do antigo sistema, oposto as novas concepções. Considera-se assim que regime migratório da Tchécoslováquia, depois República Tcheca, teve um carácter bastante liberal nos primeiros anos. Dada a profunda reestruturação social em curso, este tema não se destacava como uma prioridade, não tendo sido por isso criada nenhuma estratégia específica para a gestão migratória, ou mecanismos de controlo rigorosos³. Esta tendência inicial parece estar de acordo com os sentimentos despoletados pela revolução: as transformações foram encaradas como uma abertura para o mundo, existindo um grande desejo de contacto e partilha depois de décadas de informação limitada sobre os espaços não comunistas. Os países ocidentais apareciam assim na imaginação colectiva como lugares de desenvolvimento e modernidade, por oposição ao antigo regime. Existia ainda, por parte das elites políticas e económicas, uma percepção de que seriam necessários trabalhadores qualificados e mais adaptados as novas realidades capitalistas, tendo por isso privilegiado uma grande permeabilidade nas fronteiras.

Com o abrandar da economia a partir de meados dos anos noventa, e um relativo aumento do desemprego, nasce uma maior preocupação com a lei de imigração vigente. Por outro lado, como país candidato a entrada na União Europeia, impunha-se uma harmonização da sua legislação com as directivas europeias. Estes factores levaram a uma progressiva alteração nas estratégias migratórias, que culminou com a aprovação do “Cizinecký Zákon” em 1999⁴. As maiores mudanças desta nova legislação referiam-se

² Štěpanek, 2008: 263, 267

³ Horaková, 2000; Drbohlav, 2005

⁴ Cizinecký Zákon, 1999

precisamente aos migrantes provenientes de fora da União. Estes passam, por exemplo, a necessitar de um visto a ser emitido ainda no seu país de origem, seja para a entrada por razões de trabalho ou de estudos. Assim, e em termos burocráticos, este Acto migratório estabeleceu toda uma nova estrutura de vistos e autorizações, tal como todo um conjunto de procedimentos relatórios. Posteriores passos nesse sentido foram dados, com a progressiva harmonização necessária para a inserção do país no Espaço Schengen, processo concluído em 2007⁵.

O processo de entrada na União Europeia ao longo da última década coincide com um período de aumento das migrações brasileiras para a Europa, e podemos considerar que influenciou parcialmente os movimentos para a República Tcheca. O facto de passar a pertencer a União tornou-a num destino mais desejado, tanto pelas perspectivas de crescimento económico e dos níveis de vida, como pelas possibilidades de posterior mudança para outros países europeus. Acrescente-se ainda uma outra facilidade concedida aos brasileiros, que se refere a não necessidade de um visto caso invoquem o turismo como motivo da sua viagem, condições estas estabelecidas em acordos bilaterais entre os dois países⁶. Deste modo, e apesar de ainda não tão expressivo como em outros contextos⁷ europeus, o número de brasileiros no país tem vindo a sofrer um contínuo aumento, sobretudo nos últimos cinco anos. Refira-se ainda alguns migrantes que, tendo estado inicialmente num outro estado, mudaram-se posteriormente para a República Tcheca. Dos casos presentes no campo, o destaque vai para a presença em Portugal, onde o estabelecimento de amizades ou relações amorosas com tchecos que também aí se encontravam levou a decisão de uma segunda migração. Nestes casos, tal como naqueles em que tchecos e brasileiros se conheceram no Brasil e se mudaram posteriormente para a República Tcheca, revelam-se os duplos sentidos de uma abertura das fronteiras. São também os tchecos que, ao poderem viajar para fora, estabelecem contactos e levam por vezes a migração de brasileiros para o seu próprio país.

Por outro lado, a entrada na União terá também implicações nos mecanismos de

⁵ Šišová, 2005; Drbohlav, 2005

⁶ Acordo bilateral entre o Governo da República Tcheca e o Governo da República Federativa do Brasil sobre a Isenção Parcial de Vistos, aprovado em Praga a 24.9.2004, entrando em vigor no dia 3.10.2005

controle formais e informais, levados a cabo pelo governo e pelos agentes da autoridade. Estes irão, naturalmente, influenciar de forma directa ou indirecta a experiência dos brasileiros no país. Sobretudo no período entre 2004 e 2007, a República Tcheca passa ser vista pelos seus pares europeus como um “país de fronteira”, uma porta de entrada para migrantes oriundos do leste. E de facto, desde o fim do regime comunista até hoje os fluxos nessa direção tem se revelado importantes, ao ponto de num relativamente curto espaço de tempo o maior grupo de não nacionais no país ser hoje constituído por cidadãos ucranianos⁸. Estes fluxos são muitas vezes associados a migração “ilegal”, que tal como na maioria dos países, tendem a provocar receios na opinião pública, e alargar o clima de desconfiança em relação todos os imigrantes em geral. Nesse sentido, a República Tcheca tem seguido as tendências da maioria dos países europeus, de um aumento da vigilância tanto excepcional como quotidiana, e uma relativa militarização dos meios de controle ao seu dispor. No entanto, parece existir aqui um foco selectivo em relação a construção das desconfianças, já que os agentes tchecos tendem a concentrar a sua atenção nos grupos considerados “de risco”, como é o caso dos cidadãos ucranianos.

Como exemplo, podemos referir o trabalho de campo realizado na *Cizinecká Policie* de Praga, onde todos aqueles considerados imigrantes tem de se registar e regularizar a sua situação. Até recentemente, existia um espaço comum onde eram atendidos os pedidos de todos os migrantes, independentemente da nacionalidade. Numa comparação aos modos de atendimento e praticas dos agentes aí em serviço, pudemos verificar que estes se revelavam bastante mais positivos para os migrantes brasileiro do que para os oriundo do leste europeu, dos quais tendem a desconfiar em relação a legalidade das suas situações e intenções. Em 2009 operou-se mesmo uma divisão dos espaços de atendimento, separando entre os migrantes de leste e os cidadãos de outras origens, o que permitiu melhorar o acesso a estes serviços por parte dos brasileiros. Assim, e apesar da sua aparência estrangeira ser na maior parte dos casos evidente, os brasileiros não costumam ser alvos regulares de controle por parte dos agentes de autoridade tchecos, seja nas fronteiras, seja no seu quotidiano.

A condição de espaço de passagem entre a Europa ocidental e oriental teve ainda outras consequências, que se referem as relações entre a República Tcheca e os estados europeus vizinhos. Estes, e especialmente a Alemanha, passaram a exigir aos governos

⁸ Drbohlav, 2005

tchecos um controle mais rigoroso e eficaz das suas fronteiras, sobretudo por causa das migrações “ilegais”. Uma forte pressão tem vindo desde há anos a ser exercida nesse sentido, e sobretudo os governos alemães tem considerado a fronteira mútua como uma prioridade, no que a migrações diz respeito. Assim, e apesar de oficialmente “aberta”, a fronteira tcheco-alemã continua até hoje a ser alvo de controles regulares, graças a uma interpretação relativamente livre da legislação comum em vigor, por parte das autoridades alemãs⁹. Este facto tem tido também um impacto nas experiências de brasileiros que, por diversas razões, procuram transpor a fronteira. Os agentes alemães ai presentes seguem a pratica de abordar e verificar minuciosamente todos os indivíduos que sejam ou aparentem ser não-europeus, seja pelo seu passaporte, língua ou aspecto físico. Registaram-se assim diversos casos de brasileiros que tendo a situação regularizada na República Tcheca e podendo por isso transpor legalmente a fronteira, se viram detidos pelas autoridades alemãs e impedidos de entrar no país. No entanto, o movimento no sentido oposto, da Alemanha para a República Tcheca, não revela em geral problemas de maior, mantendo o padrão de selectividade das desconfianças por parte das autoridades tchecas.

Quanto ao efectivo estatuto legal dos migrantes brasileiros, existe todo um leque de casos observados, mas alguns conjuntos de práticas parecem ser recorrentes. Com excepção de algumas situações, em que os contactos com a empresa contratante são efectuados ainda no Brasil e possibilitam desde logo um visto de trabalho, a maioria parece chegar ao país com o estatuto de turista. Uma vez no destino, dispõem do período de 90 dias para conseguir a regularização da sua condição como trabalhadores. A estratégia passa muitas vezes por conseguir algum tipo de trabalho temporário que, não pertencendo a sua área profissional privilegiada, possibilite no entanto a obtenção de um visto nos primeiros tempos. Com o passar do tempo, e com o aumento dos contactos na sociedade de recepção, procuram melhorar a sua condição. Nesse sentido, as suas expectativas tendem a adaptar-se a evolução da situação: a maioria chega para uma experiência temporária no exterior, estimada em alguns anos. Alguns regressam antes ou após este período, outros acabam por se estabelecer, com o desenvolvimento de laços relacionais mais duradouros como o casamento, ou de uma estabilidade profissional satisfatória. Nos casos em que esta última não é alcançada, podemos

⁹ Sedlak, 2009

observar diversos casos de “semi-ilegalidade”, temporária e intermitente¹⁰. Mantendo o desejo de permanecer no país, os migrantes oscilam entre períodos de “legalidade”, através de vistos obtidos através de contratos temporários, e períodos de “ilegalidade”, em que realizam trabalhos sem contrato.

Estes parecem dar conta da maioria dos casos de clandestinidade existentes, o que não exclui a existência de alguns fenômenos ligados a constituição de redes de “imigração ilegal”. De facto, o negócio da prostituição na capital e em outras cidades como Brno tem levado a que algumas brasileiras sejam trazidas para este tipo de trabalho, normalmente como parte de redes mais vastas que se estendem desde países como a Alemanha ou a Áustria. Também noutras áreas de trabalho podemos encontrar casos em que brasileiros são trazidos para trabalhos específicos e com promessas de legalização e de boas condições laborais, ficando depois a mercê dos seus empregadores. Estas situações seguem um padrão observado em diversos outros contextos migratórios¹¹. O empregador entra em contacto com o futuro migrante, oferecendo-lhe uma possibilidade trabalho e um empréstimo para a compra da passagem. Uma vez no destino, apropria-se do seu passaporte como caução da dívida. Por outro lado, se a remuneração prometida parecia promissora em relação ao custo de vida no Brasil, o mesmo não acontece quando comparado ao da República Tcheca. O migrante apercebe-se que o seu salário é insuficiente, entrando assim num ciclo de endividamento que o mantém indefinidamente preso ao seu “contrato”, num regime de verdadeira semi-escravatura. Em geral, tratam-se de migrantes oriundos de camadas mais pobres da população, cuja baixa qualificação profissional não lhes permite a procura de outras ocupações e conseqüente melhoria da sua condição.

O Contexto Simbólico

Se o contexto legal tem uma grande influência na experiência de migração dos brasileiros, as condicionantes simbólicas com que se deparam revelam-se como decisivas na construção da sua vida social e quotidiana. Toda a relação social é marcada pela necessidade de uma continua interpretação do Outro: desde os encontros pontuais ate aos envolvimentos mais permanentes e profundos, os actores sociais recorrem as

¹⁰ Oliveira, 2005

¹¹ Tese de doutoramento „Brasileiros na Nova Europa“, em desenvolvimento

mais diversas representações simbólicas de modo a perceber os outros e o mundo, e assim agir com eles. Assim, as imagens do que é um “estrangeiro” ou um “brasileiro” que foram construídas processualmente ao longo da história, e que circulam em sociedade, irão ser incorporadas pelos actores através das suas experiências de vida.

Pretendemos por isso realizar um breve mapeamento das mais importantes representações simbólicas que, de um modo directo ou indirecto, tem um papel determinante na vida dos migrantes brasileiros. Podemos traçar as suas origens na própria descoberta e colonização das Américas, a partir dos fins do século XV, e talvez mesmo antes, nas imaginações e crenças que ajudaram a preparar os povos europeus para esta nova realidade¹². O espaço hoje chamado República Tcheca teve durante muito tempo uma relação distante com os “novos mundos”, dada a sua localização no interior do continente, e sua distancia em relação aos países mais directamente envolvidos naquilo a que se chamaria o “colonialismo”. Este factor geográfico implicou que as primeiras impressões e imagens construídas derivassem sobretudo de relatos e gravuras, que chegavam ao então Sagrado Império Romano. Naturalmente, estas representações simbólicas eram marcadas pelo seu carácter de encantamento e novidade, preenchendo no imaginário intelectual e colectivo europeu todo um conjunto de funções específicas, e tendo um grande impacto na história das idéias. Uma delas refere-se desde logo ao conceito do “paraíso”, de terras não tocadas pelo pecado original do homem e da civilização, caracterizadas pela abundância natural e pelo clima privilegiado. O seu correlativo humano refere-se ao “bom selvagem”, aqui personificado pela categoria geral do “índio”: seres também eles puros e inocentes, capazes de uma vida idílica sem as restrições e condicionantes das sociedades evoluídas. Emerge neste período, e cristaliza-se com os séculos, uma das mais persistentes imagens envolvidas nas relações entre europeus e americanos: a América exótica, terra de calor no clima e nas relações humanas, paraíso da liberdade social e sexual.

Podemos traçar a chegada destas imagens ao espaço tchecos, progressivamente entrando e tomando forma no imaginário colectivo das populações. No mais pormenorizado estudo acerca das relações históricas entre o “Brasil” e a “República Tcheca”, Stepanek da conta dos múltiplos fluxos de informações e imaginações entre estes dois espaços¹³. Apesar da não participação directa nas viagens marítimas

¹² Ver por exemplo Mason, 1990

¹³ Štěpanek, 2008

européias, existia uma enorme curiosidade em relação a estes novos mundos e seus habitantes, os “índios”, começam desde logo a servir de inspiração para os mais variados artistas tchecos. Estes pintam representações imaginadas nos palácios, gravuras em livros e mapas, dedicam-lhes esculturas e ornamentos, produções que vão sendo divulgadas entre as elites num primeiro momento, e depois entre as populações. Pouco mais tarde, e já a partir do século XVI, relações mais directas se estabeleceram, sobretudo em dois campos: o da religião, com a ida de missionários tchecos para o Brasil, e no da ciência, com a sua participação em diversas expedições. Uma análise a estes variados contactos parecem revelar algumas características comuns. Uma delas refere-se a pouca ou nenhuma atenção que parece ser dada ao que ocorria no “Brasil” como espaço político, social e cultural em construção, caracterizado pelo regime colonial, e em pleno desenvolvimento nos aglomerados populacionais partilhados por colonos, escravos e indígenas. Pelo contrário, os interesses dos artistas, cientistas e missionários tchecos centravam-se sobretudo naquele “Brasil” radicalmente distante e exótico, das florestas, da fauna e flora desconhecidos, das tribos perdidas nos confins do mundo habitado.

Posteriormente, e ao longo da história, variados ecos do Brasil se foram repercutindo na República Tcheca. A migração de tchecos para este país da América Latina nos últimos dois séculos, não sendo particularmente expressiva, criou algumas ligações entre famílias dos dois lados do atlântico. Alguns descendentes como Juscelino Kubitchek e Oscar Nyemeier viram a sua fama chegar ao país dos antepassados, e podemos encontrar colaborações e influências mútuas entre artistas das mais diversas áreas, desde a escultura até ao teatro¹⁴. Mais recentemente, e já neste século, merece destaque a cada vez maior divulgação do cinema brasileiro no país, estando presente em diversos festivais. Esta presença culminou com o festival de Uherské Hradiště em 2007, um dos mais conceituados do país, e onde o Brasil foi o escolhido nesse ano como tema principal do evento. No campo da fotografia, encontramos o fotógrafo Sebastião Salgado com uma exposição em 2005, considerada a exibição do género com o maior número de visitantes. Também os concertos, espectáculos de dança e ações festivas ligadas a temas brasileiros tem marcado presença na agenda cultural sobretudo da capital, Praga. Assim, e passando em análise o campo dos eventos artísticos em geral, podemos considerar que tem-se assistido nos últimos anos a um crescente interesse por

parte do público tcheco em relação a produções oriundas do Brasil. Alguns permitem de facto a quem deles participa aprofundar e ampliar as suas percepções acerca do país, outros tendem a reproduzir as representações já existentes sobre o tema, enfatizando o exotismo e a “brasilidade”. Quer num caso quer no outro, a experiência do tcheco sobre estes eventos tendem a estar sempre marcadas pela curiosidade e pelo sentido de distância.

Para melhor compreendermos a persistências destas imagens, teremos de realçar o papel das representações da alteridade na própria construção das identidades e visões de mundo dos actores sociais. Desde logo, é a própria modernidade que começa por ser construída no continente europeu a partir destas interpretações dos seus Outros, profundamente embebidas nas experiências históricas da expansão e do colonialismo. A actual República Tcheca, durante séculos pertencente ao Sagrado Império Romano, e posteriormente ao Austro-húngaro, sempre partilhou o seu ambiente histórico e intelectual com países como a actual Alemanha ou Áustria, participando nos movimentos de idéias que ajudaram a construir uma “identidade europeia” como fonte de modernidade e berço da civilização ocidental contemporânea. construída por oposição a vários Outros não europeus, e carregadas de caracteres ambíguos e tendencialmente absolutos. Assim, e tal como outros migrantes de diversas nacionalidades, o “brasileiro” torna-se descendente do “bom selvagem” de Rousseau: o ser que vem preencher um vazio da cultura europeia, que com o seu afastamento da natureza e crescente individualismo perdeu as características de sociabilidade, que estariam ainda hoje presentes em outros povos. A outra face desta moeda refere-se, naturalmente, ao “mau selvagem”: o ser incontrolável, não plenamente civilizado, enganador, capaz de comportamentos irreflectidos que ameaçam a própria ordem social. A capacidade de persistência destes orientadores simbólicos fica patente na própria etnografia, ao verificar-se que a maioria dos actores sociais tendem a organizar as suas interpretações sobre os “brasileiros” e a sua “cultura” ao longo destas linhas, tendendo a oscilar entre uma enorme curiosidade e desejo sobre a “brasilidade”, e o receio em relação a pessoas, idéias e comportamentos considerados como diferentes e estrangeiros.

E é no cruzamento entre as representações circulando em sociedade e os dados etnográficos que devemos realçar duas características centrais nas dinâmicas

¹⁴ Štěpanek, 2008

hermenêuticas ligadas aos brasileiros. Uma delas referente a processos de generalização, e outra de particularização. No que aos primeiros dizem respeito, verifica-se que neste contexto simbólico os brasileiros nunca são apenas “brasileiros”, mas partilham espaços conceptuais mais generalistas com diversas outras identidades não-tchecas. Uma destas refere-se a questão da aparência, ou da “raça”. Nas imaginações do centro da Europa sobre o Brasil, sempre a aparência dos seus habitantes foi definida como sendo de “pele escura”: primeiro com os indígenas, e depois progressivamente com o “mulato” e com o “preto”. Nesse sentido, esta concepção permite preencher a tendência de se interpretar um país nos termos clássicos do Estado Nação: uma cultura (brasileira), uma língua (português), uma raça (escuro, negro). Essa associação de uma “cor” aos habitantes do Brasil tem desde logo o efeito de fazer com que, para um tcheco, um “mulato” ou um “preto” sejam sempre “mais brasileiros” que um indivíduo de aparência “branca”. Isto terá influência, por exemplo, nas inserções profissionais ligadas ao mercado do exótico, onde os brasileiros mais “escuras” serão considerados mais “autênticos”, e por isso privilegiados. Realce-se aqui o facto da fronteira entre o “mulato” e o “preto” não ter muitas vezes neste contexto uma delimitação rigorosa. Na verdade, a primeira designação raramente é utilizada e muitas vezes desconhecida na sociedade tcheca, ocorrendo linguisticamente a atribuição da categoria mais geral de “preto”¹⁵ a todos os que não aparentem ser de cor “branca”. Isso não significa que a maioria das pessoas não seja capaz de, num mesmo momento, distinguir diferenças cromáticas entre aparências, como veremos mais adiante. No entanto, estas interpretações permitem um outro efeito de generalização. Permitem a muitos tchecos produzir associações simbólicas entre os brasileiros de aparência escura e outros indivíduos que, sendo de origens diversas, são considerados semelhantes, pelo menos num primeiro contacto. Assim, os brasileiros de “cor escura” partilham por vezes o mesmo espaço simbólico de migrantes oriundos da América do Sul, da África, ou mesmo de descendência árabe.

Outra generalidade também bastante difundida está ligada a uma identidade “latina”, tal como é conceptualizada em países como a República Tcheca ou a Alemanha. Trata-se da imaginação de um espaço geográfico-cultural que se estende desde o sul da Europa, englobando países como Espanha, Itália e Portugal, até à América Latina, que partilham assim diversos caracteres, tais como o de serem consideradas “culturas

¹⁵ “černý”, em tcheco

quentes”, “comunitárias”, “sensuais”, “desorganizadas”, “impulsivas”. Aqui, os “europeus latinos” aparecem muitas vezes como pertencentes a um espaço de transição, entre uma Europa “fria” e uma Latinidade “quente”, mais especificamente ligada as Américas. Essa generalização fica patente no facto de, ainda a alguns anos atrás, os músicos brasileiros trabalhando na República Tcheca serem constantemente requisitados nos seus espectáculos para tocarem sem discriminação sons tão variados como o samba, a rumba, a salsa, ou a música cubana. O mesmo acontecia por exemplo na área da dança. Segundo estes profissionais, apenas em anos recentes parece existir por parte do público um maior conhecimento das especificidades identitárias dos diversos elementos culturais que aparecem ligados a “latinidade”.

Detenhamo-nos agora nalgumas considerações sobre processos de particularização. Falar de representações simbólicas presentes num dado contexto social se refere sobretudo a uma reconstrução analítica, tendo por base registos históricos ou actuais, afirmações públicas ou privadas, de modo a tentar compreender alguns dos caracteres usados na interpretação de seres humanos por outros actores sociais. No entanto, qualquer referencia a tipos e modelos hermenêuticos serão sempre insuficientes sem a consideração das suas múltiplas concretizações e reconstruções no fluxo da vida social quotidiana. Nesse sentido, as referencias presentes nesta breve exposição procuram dar conta apenas de um mapeamento geral destas características, com vista a um primeiro vislumbre da sua influência nas experiências concretas dos migrantes brasileiros. Na verdade, as opiniões dos “tchecos” acerca dos “brasileiros” variam na mesma medida da multiplicidade de indivíduos e relacionamentos presentes em sociedade: por exemplo, com o grau de conhecimento ou familiaridade que mantém com o Brasil e com os seus habitantes, ou com o tipo de relações formadas entre pessoas concretas. Apenas através de análise etnográfica cuidada poderemos compreender as diferentes construções simbólicas em continua formação, e o seu papel na ação dos agentes sociais. De seguida, apresentaremos resumos de alguns destes casos etnográficos, de modo a atestar a dinâmica destes processos sociais e culturais.

A “Cultura” como Inserção Laboral

A presença de brasileiros no mercado de trabalho da República Tcheca fica marcada por uma grande variedade de ocupações, que podem ir desde o ramo

empresarial até ao ensino da língua portuguesa. No entanto, existe uma área privilegiada que se torna particularmente importante quer pelo número de migrantes que alberga, quer pela visibilidade que tem vindo a adquirir. Trata-se do “mercado cultural”, envolvendo a apresentação e performance de elementos culturais considerados representativos de uma “cultura brasileira”. Gostaríamos nesta secção de nos dedicar a alguns destes casos, onde as representações simbólicas anteriormente apresentadas assumem um papel central.

O primeiro deles refere-se à área da restauração. Em 2004 inaugura-se em Praga o primeiro “restaurante brasileiro” da República Tcheca. Trata-se de uma churrascaria, seguindo o modelo de rodízio originário do Sul do Brasil, e hoje cada vez mais difundido a nível nacional e internacional. Dadas as suas especificidades, é considerado um negócio bastante rentável em diversos países europeus, uma vez que a originalidade do seu sistema e qualidade da oferta tende a atrair um grande número de clientes. Na República Tcheca este restaurante tem sido considerado em anos sucessivos um dos dez melhores do país, levando a abertura de uma filial no espaço de dois anos. O seu sucesso fica a dever-se em parte ao cuidado pormenor com que foi concebido. Logo a entrada oscila uma enorme bandeira verde e amarela, amplamente visível na praça onde se situa, e impondo desde logo uma condicionante hermenêutica a quem entra: pretende-se aqui uma experiência de passagem para um outro ambiente cultural e sensorial, propõe-se uma visita ainda que temporária a uma “realidade” distante e exótica. Seguem-se no seu interior as inúmeras fotografias nas paredes, as plantas exuberantes, a música ininterrupta, a apresentação de comidas luxuriosas, todos os elementos se misturam na tentativa de construção deste ambiente e desta experiência: a de estar lá, no “Brasil”, tal como ele é imaginado pelos clientes, sobretudo tchecos. No entanto, todo este dispositivo estaria sempre incompleto sem um elemento central, a componente humana. Tal como ali se costuma afirmar, um restaurante brasileiro precisa de brasileiros autênticos. E isso levou desde o início ao recrutamento de brasileiros capazes de „passar carne“, que num primeiro momento foram selecionados em algumas churrascarias do Rio de Janeiro.

A centralidade da “cultura brasileira” nesse tipo de negócios traz para os migrantes que aí se empregam diversas consequências. Por um lado, oferece-lhes uma oportunidade laboral numa área onde são considerados trabalhadores privilegiados. Dada a própria escassez de pessoas desta nacionalidade na cidade, torna-se necessário

por parte dos empregadores a oferta de diversas condições, com vista a atrair e manter os trabalhadores brasileiros. Estes podem assim dispor um contrato legalmente válido, direito a saúde, e mesmo habitação disponibilizada pela empresa. No mesmo sentido, a necessidade de contratar brasileiros está sempre presente e em aberto, o que levou a que este estabelecimento passasse a ser utilizado por muitos recém-chegados como um primeiro emprego, enquanto não tinham possibilidades de se inserir noutras áreas. Tornou-se assim num centro de passagem para diversos migrantes. Esta centralidade dos brasileiros fica também patente nas próprias práticas laborais. Para os clientes, eles são na verdade uma das principais atrações de toda a experiência daquele restaurante. São muitas vezes requisitados para conversar, responder a perguntas sobre o seu país, ou simplesmente, para estar presentes no salão. Assim, toda a dinâmica laboral de funcionamento do restaurante é tendencialmente adaptada a essa pretendida visibilidade: a principal tarefa dos brasileiros refere-se a satisfação da curiosidade e desejo de todos aqueles que frequentam este restaurante.

A outra face deste privilégio da diferença tem implicações tanto a nível das suas relações inter-pessoais, como da sua própria experiência de migração e das suas inserções no contexto social de recepção. Tratando-se de um estabelecimento comercial, tem como objectivo primário esta satisfação dos seus desejos e expectativas dos clientes em relação aos serviços oferecidos, e como objectivo último a produção de capital por parte do patronato. O denominador comum destes interesses liga-se invariavelmente a capacidade de continua produção de *diferença*. Assim, a ideia de diferença cultural ou mesmo ontológica entre “brasileiros” e “tchecos” não emerge das suas práticas individuais ou concepções do mundo. A diferença aparece aqui como um elemento *a priori*, imposto pelas próprias condicionantes do seu contexto laboral. Nas relações sociais aqui construídas, esta diferença não pode ser negociada contextualmente, com vista a estabelecer uma relação de mútua adaptação ou conhecimento. Ela tem de ser performatizada pelos brasileiros tal como é imaginada nas representações circulantes na sociedade tcheca. É o migrante que tem de moldar as suas práticas independentemente do seu modo de ser individual, e conformar a sua própria identidade a estes modelos, com vista tornar-se num “brasileiro autêntico”, num fenómeno que foi já designado por Machado como “identidades para o mercado”¹⁶. Como exemplo refira-se algumas das principais demandas laborais: sorrir, ser alegre e

comunicativo, ser engraçado, ser sensual, remetendo-nos estas características para diversas das representações simbólicas anteriormente apresentadas. Na verdade, trata-se de uma situação profundamente ambígua para o migrante. Por um lado, aparece como uma imposição requerida por patrões, colegas e clientes tchecos, que os obriga a conformar a sua identidade individual as suas representações colectivas, e não poucas vezes é interpretada negativamente pelos migrantes, criando resistências e comentários pejorativos. Simultaneamente, a maioria rapidamente compreende que “ser exótico” traz certas vantagens no contacto com os tchecos, e não apenas no trabalho, podendo tornar-se num instrumento social de relacionamento, capaz de induzir aproximações e desejos.

Na verdade, é esta percepção do desejo dos tchecos pelo distante e pelo exótico que possibilita inúmeras inserções laborais, o que fica patente não apenas na gastronomia, mas também no caso das artes e performances. Praga conta hoje com diversos grupos e intérpretes individuais de música, alguns dos quais com uma relativa visibilidade na sociedade mais vasta. Alguns marcaram já presença em eventos televisivos e concursos musicais, outros apresentam-se regularmente nos grandes eventos culturais da cidade, como sejam os seus diversos festivais artísticos. No que a esta área laboral diz respeito, alguns destes migrantes vieram para a República Tcheca com o intuito específico de se dedicar a música, e existem mesmo casos de formação de redes migratórias em torno da área: o primeiro, ao chegar, percebe as potencialidades existentes, e necessitando de parceiros para os seus projectos pode entrar em contacto com pessoas da sua confiança no Brasil, propondo-lhes uma migração. Outros migrantes dedicam-se a música apenas como uma ocupação parcial ou temporária, com vista a aumentar os seus rendimentos ou simplesmente pela oportunidade de participar, tocar e conviver. E de facto, os grupos de música constituem-se em pontos de sociabilidade para os migrantes, seja com outros brasileiros que neles participam ou que os acompanham, seja com diversas pessoas de outras nacionalidades, interessadas na sua música, que assistem aos concertos ou aos ensaios. Alguns destes grupos optam inclusive por oferecer cursos e workshops que são bastante frequentados pelos tchecos, como é o caso dos de percussão. Estes espaços, atraindo pessoas com um interesse a partida pela “brasilidade”, tendem a criar ambientes onde o migrante se sente confiante

¹⁶ Machado, 2006

e a vontade, tornam-se lugares que lhe permitem uma certa facilidade de relacionamento.

Aqui, a produção de diferença pode tanto seguir as imagens pré-concebidas acerca do Brasil, como incluir alguns elementos de originalidade. Por um lado, dispõem de uma relativa liberdade criativa, uma vez que exercem a sua profissão de forma independente. No entanto, a necessidade de ter em conta a procura e o mercado disponível leva a que optem em geral por tocar “música brasileira”, sobretudo samba e percussão, ou bossa nova, com uma forte aposta em interpretar grandes clássicos já conhecidos do público. Outra das razões apontadas para esta opção refere-se ao facto de se considerarem “representantes da cultura brasileira”, assumindo o papel da sua divulgação num local em que é, apesar de cada vez mais popular, ainda relativamente desconhecida. No entanto, e tal como para os trabalhadores de um “restaurante brasileiro”, também aqui muitos destes migrantes referem a ambiguidade ligada ao exotismo. Este se constitui numa vantagem laboral e social, proporcionando trabalho e espaços de sociabilidade. Por outro lado, a adaptação aos modelos já existentes na sociedade tcheca pode ser sentida como uma sobredeterminação simbólica, que é assim tanto imposta como consentida, e mesmo voluntariamente seguida.

Fenômenos similares ocorrem no campo da dança. Aqui, tem destaque as escolas de capoeira, que já ultrapassam uma dezena na capital e estão presentes em diversas outras cidades do país, como Brno, Olomouc ou Plzen. Normalmente são iniciadas por migrantes que ainda no Brasil eram praticantes regulares, e, que observando as possibilidades no mercado optaram por investir neste negócio. Outro fenómeno refere-se a tchecos que de visita ao Brasil se vieram a interessar pela capoeira, sugerindo a amigos brasileiros que a trouxessem para o seu país. Nestas escolas, pudemos observar processos similares aos encontrados no caso da música, no que se refere as possibilidades de socialização. Estes espaços de aprendizagem da dança tornam-se privilegiados nas relações de vários migrantes, uma vez que a centralidade da “cultura brasileira”, o interesse dos seus frequentadores, e sua própria regularidade temporal permite a constituição de grupos sociais e de familiaridades entre os seus constituintes.

Finalmente, é a própria organização de eventos que permite a inserção laboral de alguns migrantes. Na capital, as designadas “festas brasileiras” tem já desde alguns anos uma regularidade semanal. Tratam-se de iniciativas de brasileiros que, estando já há alguns anos presentes na cidade, puderam constituir uma larga rede de contactos

com os artistas, mas também com diversas pessoas interessadas pela “brasilidade” ou pela “latinidade”. Isso permite-lhes a organização regular destes eventos, assegurando tanto a componente performativa como a presença de público. Na próxima secção iremos lançar um olhar mais próximo sobre o impacto destes diversos espaços e eventos na constituição das sociabilidades dos migrantes, encontrados no campo.

As Relações Quotidianas

Gostaríamos agora de nos debruçar sobre a experiência social e quotidiana de ser migrante brasileiro na República Tcheca., procurando deste modo perceber algumas das dinâmicas envolvidas na formação das suas diversas relações. Desde logo, e uma vez no destino, a experiência dos brasileiros começa por se caracterizar por um profundo sentido de estranhamento. Tratam-se de sentimentos que emergem na experiência sensorial dos espaços, das aparências, dos sons, do clima, e mesmo da comida. Socialmente, relaciona-se com a dificuldade da língua e da comunicação, mas também as expressões faciais, aos actos e as atitudes de pessoas que, por serem consideradas pelos migrantes como sendo “diferentes”, levantam quase inadvertidamente uma hesitação interpretativa: o que significa um olhar, um tom de voz, uma expressão? Emerge uma experiência de fronteira, de estar perante algo desconhecido. Mais, isso acontece precisamente numa situação das suas vidas em que a capacidade de relacionamento social é particularmente importante. Todo migrante tem um projecto migratório, que não sendo necessariamente fixo, serve de medida para o sucesso da sua migração e para a avaliação *a posteriori* da sua decisão de migrar. E para realizarem os seus objectivos laborais ou pessoais, a produção de conhecimento sobre as outras pessoas torna-se numa necessidade premente, com vista a construção das relações sociais necessárias. Assim, a experiência de migração, especialmente nos primeiros tempos, traduz-se num profundo estado de atenção aos seus arredores, de contínuo exercício hermenêutico, com vista a conviver e trabalhar com pessoas, satisfazer as suas ordens e procedimentos, compreender seus modos de ação, negociar as suas próprias expectativas num ambiente sentido como desconhecido.

Ao momento da chegada, a maioria dos brasileiros dispõe de poucos conhecimentos sobre a sociedade tcheca. Existe sempre uma tentativa de aprendizagem prévia, mas tende a focar-se em informações acerca do mercado de trabalho ou das

condições económicas de vida em geral. O facto de terem já algum conhecido no destino pode ajudar, através da partilha de estórias, experiências e conselhos. De um modo geral, as representações acerca dos “tchecos” trazidas pelos migrantes tende a ser de carácter geral, e oscilar entre dois pólos. A sua associação a uma “Europa do Norte” leva a certas expectativas em relação aos seus habitantes. Por exemplo, encontramos muitas vezes a ideia de que as pessoas serão mais “desenvolvidas” e “civilizadas”, expressões que remetem para crenças acerca da sua capacidade organizativa ou da sua possessão de “alta cultura” e “educação”. Por outro lado, os habitantes deste espaço são também imaginados como mais “frios” e “fechados”, numa referência aos seus modos de relacionar em sociedade. São expectativas como estas que irão mediar, pelo menos nos primeiros tempos, muitos dos seus contactos e relações sociais.

Gostaríamos aqui de começar por uma breve análise das “relações anónimas”, referindo-nos aos encontros casuais e quotidianos em espaços públicos. Verificamos que estas experiências tem um papel importante na formação das opiniões dos migrantes sobre o que é a “sociedade tcheca”, e sobre quem são os “tchecos”. De facto, neste tipo de encontros as modalidades de conhecimento desenvolvidas pelos actores sociais tende a ser de carácter generalista, procurando interpretar pessoas e atitudes através da sua pertença a identidades sociais mais vastas. Como exemplo referiremos uma das experiências mais citadas pelos brasileiros, quando falamos acerca destes encontros anónimos: a grande visibilidade pública por eles experienciada na vida quotidiana, pelo próprio facto de terem uma aparência estrangeira. Apesar do elevado número de turistas que diariamente se encontram em Praga, ser estrangeiro, e sobretudo não ser branco, provoca ainda algum estranhamento e surpresa em muitos espaços da cidade. Estas situações, em que são publicamente alvo dos olhares em seu redor, provocam não poucas vezes um sentimento de desconforto nos migrantes, e são muitas vezes interpretadas como demonstrações de um relativo “racismo” por parte dos tchecos. No mesmo sentido, as breves interações em espaços públicos, como estabelecimentos comerciais, costuma enfatizar esta imagem, uma vez que muitos tchecos tendem de facto a agir forma mais “fria” e “distante” com estrangeiros. Assim, e muito graças a estes encontros quotidianos, diversos migrantes referem experienciar um preconceito latente na sociedade tcheca, tendendo a criar uma representação generalista dos “tchecos” como “racistas”.

Do que podemos observar no campo, estas representações emergem de um complexo jogo entre expectativas, realidades e imaginações. Desde logo, um sentimento comum partilhado pela maioria dos migrantes no momento da chegada refere-se precisamente ao receio de serem vítimas de preconceito, o que ocorre especialmente entre os brasileiros de aparência “mulata” ou “negra”. Este receio, associado a sua visibilidade pública, leva a que muitos migrantes tenham uma grande dificuldade em se abstrair da sua própria diferença física. A “cor” passa a estar sempre presente, tanto nas percepções do “nacional” como do “estrangeiro”. Por isso, muitos dos encontros casuais do quotidiano são encarados pelo migrante com um atitude expectante, em que o cidadão do lugar é sempre um potencial racista, e cada gesto, cada expressão menos amigável pode ser interpretada nesse sentido. Naturalmente, estas representações são ampliadas pela existência real de pessoas que passiva ou activamente demonstram preconceitos contra estrangeiros, seja no quotidiano ou em manifestações de carácter político. Pudemos registar algumas situações de racismo explícito, como no caso em que alguém se dirige publicamente de forma ofensiva ao migrante. No entanto, consideramos que estas situações tendem a ser esporádicas, e não adquirem um carácter regular em relação aos cidadãos brasileiros. Por outro lado, formas bastante mais visíveis referem-se a ação pública de movimentos e partidos da extrema direita tcheca, que expressam as suas idéias através de manifestações, de cartazes, grafittis ou mesmo da sua própria vestimenta, como no caso dos “skinheads”. Apesar de pouco expressivos se comparados com alguns países vizinhos, e tendo a sua ação sobretudo direcionada para grupos de “etnia cigana”, estes tipos de fenómenos tende também a influenciar o migrante, levantando inseguranças e ansiedades na construção das suas relações sociais.

Assim, estas e outras percepções dos migrantes acerca dos seus arredores quotidianos tornam-se particularmente importante, uma vez que tendem a basear as suas impressões da “sociedade tcheca” em geral, e a serem usadas para interpretar cada “tcheco”, a nível individual. Quando estas representações começam por ser negativas, podem produzir uma “espiral de afastamento”¹⁷ nos encontros inter-pessoais entre “brasileiros” e “tchecos”. Estas dinâmicas acabam por se envolver numa outra característica da sua condição: a súbita e inescapável redução do seu espaço social e experiencial, que ocorre quando migram. Estas pessoas, quando ainda no seu lugar de

origem, estavam inseridos em todo um conjunto de redes de relações, construída ao longo de anos. Quando chegam ao seu destino, passam a uma condição de quase total ausência de ligações sociais ou sentimentais, e a percepção de distância e frieza dos nacionais do lugar tende a ampliar este sentido de isolamento. Existe, por outro lado, uma necessidade de relacionamentos de confiança, especialmente numa situação de relativa insegurança em que se constitui uma migração. Torna-se premente de confiar em alguém, de modo a criar representações dos seus arredores espaciais e temporais dotadas de uma estabilidade mínima. Dada a estrutura de redes migratórias presente, a maioria dos brasileiros conta já com um amigo ou conhecido no local de destino, o que poderá servir de base para estas construções. Este factor, associado ao sentido de afastamento em relação aos nacionais do local, leva a que outros migrantes e sobretudo outros brasileiros apareçam como parceiros privilegiados na constituição dos primeiros relacionamentos sociais, já que são considerados *semelhantes*. Existe uma percepção de que partilham todo um conjunto de conhecimentos prévios e de modos de agir, criando sentimentos de maior confiança nas potencialidades da relação. Sobretudo, percebem como sendo comuns as suas experiências de ser “brasileiro” na República Tcheca, já que tendem a ser tratados de modo semelhante por parte dos tchecos.

Com o passar do tempo, cuja duração varia naturalmente com os indivíduos, actividades e gostos pessoais, o migrante irá construir uma progressiva estabilização das suas relações sociais. Escolhas serão feitas em relação a pessoas, a confianças e intimidades. Se por um lado o período inicial parece ser caracterizado por uma aproximação aos outros “brasileiros” residentes, e a um relativo afastamento em relação aos “tchecos”, muitas vezes pudemos observar um movimento no sentido oposto depois de algum tempo de estadia. Com um cada vez maior conhecimento sobre os seus arredores sociais, cada indivíduo irá se envolver em dinâmicas e opções pessoais próprias, encontrando semelhanças e diferenças entre eles e outros actores que podem transcender a mera identidade nacional. Como exemplo, verificamos que a migração na República Tcheca tem uma origem privilegiada, o Rio de Janeiro. No entanto, e mesmo com esta semelhança entre muitos deles, a variedade de origens económicas, sociais, académicas e mesmo pessoais são grandes, o que pode levar ao afastamento e rompimento de muitas das relações sociais iniciais, quando se passam a conhecer melhor. Assim, se é facto que diversos migrantes apontam a nacionalidade como um

¹⁷ Tese de doutoramento „Brasileiros na Nova Europa“, em desenvolvimento

facilitador relacional, simultaneamente muitos afirmam que o facto de ser brasileiro, por si só, não é suficiente para o estabelecimento de relações mais profundas e duradouras. Refira-se ainda outro factor apontado nos inquéritos realizados, que se relaciona com a percepção de uma relativa “competição” entre os migrantes. Deste modo, e tal como no mercado laboral, o facto de muitas das suas vantagens sociais estarem ligadas a uma identidade genérica leva a que disputem quem são os seus melhores e verdadeiros representantes, pondo portanto a questão de “quem é mais brasileiro”.

Regressemos agora ao relacionamento com os “tchecos”. A visibilidade quotidiana da diferença, que provoca muitas vezes um afastamento entre nacionais e estrangeiros, tem também uma outra face, ligada a aproximações e desejos. O estrangeiro não é apenas observado pelo nacional do lugar através do medo ou da repulsa, mas torna-se simultaneamente objecto de curiosidade e de desejo. Estas atrações tendem a ser interpretadas pelos migrantes como um factor positivo da sua condição de estrangeiro. E na verdade, são estas atrações que muitas vezes propiciam os primeiros inter-relacionamentos entre “tchecos” e “brasileiros”. Estes tchecos, que demonstram interesse ou atração pela “brasilidade”, são os primeiros com os quais o migrante estabelece um contacto mais profundo. Estes nacionais do lugar podem frequentar festas e concertos de música brasileira ou “latina”, assistem a conferências sobre o Brasil, aprendem a língua portuguesa, e estão predispostos ao relacionamento social com os migrantes. Assim, é o encantamento pela diferença que se torna num elo de ligação, e leva a uma aproximação entre eles. No entanto, e apesar de permitir o estabelecimento de muitas relações, esta modalidade de atração tem também as suas complexidades. Apontemos, por exemplo, o facto de se mostrar muitas vezes insuficiente para ultrapassar realmente as fronteiras experienciais e simbólicas entre indivíduos. Uma das principais razões refere-se ao facto da atração pela “brasilidade” ter o efeito de provocar uma contínua tematização da diferença entre “culturas nacionais”. Assim, os discursos e as conversas tendem a se construir em torno desse pressuposto, num contínuo processo intersubjectivo de diferenciação, mediado pelo próprio contexto social onde ocorre. Mais, este processo não se desenvolve apenas no campo simbólico mas também no campo das práticas. É o próprio migrante que, dadas vantagens sociais da diferença, tende a performatizar a “brasilidade” nos seus modos de ser, falar, e agir. Verifica-se por isso que, não poucas vezes, esta dinâmica ira

invisibilizar diversas outras características individuais, que se poderiam estabelecer como pontos alternativos de construção relacional.

Para os brasileiros com mais tempo de migração, o grau de importância das situações e espaços sociais onde a “brasilidade” é central pode variar muito, consoante as suas experiências e expectativas pessoais. Alguns, mesmo após vários anos de migração, continuam a construir a sua sociabilidade quase exclusivamente em torno destes contextos, interagindo com os tchecos e brasileiros que aí encontram, e deixando pouco espaço para outro tipo de socializações. Outros migrantes tendem a diversificar o seu leque de conhecimentos, sendo capazes de interagir e constituir relações em ambientes onde a “diferença cultural” não é, por si mesma, o principal factor de aproximação. Estes são os que mais apontam a “nacionalidade comum” como um factor insuficiente para o aprofundamento de relações. Tendem a realçar outras linhas de aproximação que podem ir desde gostos artísticos a desportivos, ocupações profissionais, ou mesmo elementos ligados ao carácter pessoal dos indivíduos. Constituem assim diversas amizades com outros agentes sociais, onde a “identidade cultural”, não deixando de estar presente, também não assume uma prioridade ontológica determinante.

Outro conjunto relevante de relacionamentos referem-se as relações amorosas. A migração individual de pessoas solteiras dá conta da maior percentagem de situações. Tal como no caso de relações de confiança e amizade, no início da sua experiência os migrantes estão numa condição de relativo isolamento, e com poucas possibilidades de constituição de contactos mais íntimos com outros agentes sociais. Assim, muitas das experiências sensuais e amorosas começam por se desenvolver nos contextos acima referidos, em situações em que a “diferença” assume uma grande centralidade. Os desejos e atrações provocados pelo exotismo são muitas vezes vistos como uma vantagem, capaz de possibilitar aproximações sensuais, independentemente do género ou da orientação sexual. Mais uma vez, estes fenómenos são sentidos com ambiguidade pelo migrante. Por um lado, esta maior facilidade de relacionamento causada precisamente pelo facto de ser “diferente” provoca sentimentos de auto-estima e confiança. Por outro, o facto de muitas vezes esta atração assentar sobretudo numa identidade colectiva, e não nas suas qualidades individuais, pode levar a sentimentos precisamente opostos. Assim, as relações percebidas como sendo baseadas na “diferença” são tendencialmente de curta ou media duração, sendo no entanto

frequentes e importantes na caracterização do seu contexto migratório e experiencial. No que se refere a relacionamentos mais duradouros, estes variam naturalmente com as especificidades dos indivíduos, das suas situações e experiências. Pudemos verificar que muitos dos migrantes que permanecem por alguns anos no país acabam por estabelecer um determinado tipo de compromisso social de maior duração, seja através do casamento ou da partilha de habitação. Entre estes, contam-se pela esmagadora maioria os casais constituídos por pessoas tchecas e brasileiras. Na verdade, e em relação ao campo de observação, poucos casais foram encontrados em que ambos os membros são brasileiros, sendo que estes se constituíram antes da migração, ou nos primeiros tempos imediatos a chegada.

Refira-se ainda um fenómeno de particular importância neste contexto, o facto de muitas das migrações se terem originado precisamente pela existência de um relacionamento amoroso prévio entre uma pessoa brasileira e uma tcheca. Nestes casos, trata-se em geral de uma viagem deste último ao Brasil, onde se conhecem e desenvolvem uma relação. A migração pode aqui ser encarada tanto como um acto de amor, despoletado por um sentimento profundo, como a realização de uma aspiração previa, a qual o relacionamento vem dar um decisivo impulso. Ressalvando as inerentes complexidades e especificidades de todo o tipo de relacionamento amoroso, podemos considerar que estas relações acabam por ser um meio privilegiado para a inserção social do migrante, bem como para a construção de uma relativa estabilidade material e emocional, uma vez no destino. Este passa a contar não apenas com a pessoa ao qual esta ligado, mas com toda a rede social da qual esta faz parte, envolvendo-se nas suas relações familiares e de amizade.

O Campo da Língua e da Comunicação

Uma das primeiras experiências de fronteira percebida pelos migrantes na sua chegada a República Tcheca refere-se a componente linguística. Considerada uma das línguas mais difíceis e complexas do mundo, com poucas relações com a língua portuguesa, o tcheco imediatamente participa no profundo sentido de estranhamento em relação a este novo contexto. Por um lado, os tchecos consideram-se bastante liberais em relação a esta questão: sabendo das inerentes dificuldades demonstradas pelos estrangeiros, não existe em geral uma afirmação categórica e quotidiana da

obrigação de aprender a língua, ao contrário do que acontece em outros contextos, como o alemão. Pelo contrário, qualquer não nativo que seja capaz de se expressa em tcheco, nem que seja de uma forma limitada, é em geral louvado pelo esforço. Muitas empresas não exigem o domínio da língua como condicionante decisiva da contratação, desde que não seja essencial para o desempenho das funções pretendidas, tornando-se suficiente o conhecimento do inglês ou do alemão.

No entanto, e apesar destas facilidades relativas, a não compreensão da língua do lugar traz diversas consequências para as relações sociais que se vão construindo, nas múltiplas interações que se estabelecem no dia a dia. A língua inglesa não é, muitas vezes, dominada nem pelos nacionais nem pelos brasileiros, e as relações ocasionais tem de ser manipuladas através de gestos e interjeições. Isso tende a dificultar a interpretação mútua, tornando extremamente importante indicadores como o tom de voz ou as expressões faciais. Dadas as diversas diferenças expressivas entre eles, emergem inúmeras dificuldades de comunicação e mal entendidos, levando por exemplo a que muitos dos brasileiros construam desde os primeiros momentos no país uma imagem de que os tchecos são “brutos” ou “mal-educados”. Na complexidade das relações interpessoais, a análise etnográfica tende a mostrar que diversos sentimentos estão envolvidos nestas dinâmicas de incompreensão, sendo um dos mais influentes o de insegurança mútua. Muitos dos tchecos entrevistados referem “ter receio” de comunicar com pessoas noutra língua que não a sua. E de facto, pudemos observar que os modos de agir e de se expressar tendem a variar quando o migrante fala tcheco ou não. A primeira situação pode facilmente se tornar mais “simpática” e “calorosa”, enquanto que a segunda tende a ser mais “directa” e “grosseira”, nas palavras dos próprios migrantes. Por outro lado, este sentimento de receio esta também presente do lado dos brasileiros. Envolvidos na experiência de estranhamento da migração, cada dificuldade comunicativa constitui-se num obstáculo para a construção normal e regular do seu quotidiano. Ao não terem o perfeito domínio de uma situação social em que se envolvem, pela própria incapacidade de comunicação satisfatória, emergem sentimentos de “falta de confiança” por um lado, e de precaução, perante um desconhecido que tem dificuldade em interpretar e em agir. Assim, a incompreensão linguística irá participar na construção de uma experiência de fronteira, contínua e pertinente, e a um sentimento de distância e afastamento entre os agentes sociais.

Com o tempo, alguns dos migrantes aprendem progressivamente a língua tcheca.

Entre os entrevistados, a média situava-se entre um a três anos, para um domínio considerado por eles razoável. De um modo geral, estes tendem a expressar opiniões mais positivas sobre os nacionais do país, se comparado com os que nunca aprenderam a língua. Os primeiros referem ainda um maior sentido de estarem “bem adaptados”, e de terem construído relacionamentos positivos com os tchecos. Por outro lado, os que não dominam a língua mesmo após um longo período de estadia tendem ser mais críticos em relação ao contexto de recepção. As suas relações sociais com os nativos do lugar são muitas vezes limitadas e pouco profundas, ajudando a criar ou aumentar as suas representações negativas sobre eles. Tratam-se mais uma vez das “espirais de afastamento” entre estes seres sociais, que não partilham de uma língua de contacto para a comunicação fluente.

No entanto, a questão linguística não se limita ao domínio do tcheco, mas revela-se decisiva noutro campo de relações: a interação entre brasileiros e tchecos falantes da língua portuguesa. O interesse por esta língua permite a constituição de dois fenômenos sociais importantes para a experiência de muitos dos brasileiros: o primeiro, de menor expressão, refere-se a algumas possibilidades de inserção laboral, precisamente por serem nativos de uma língua estrangeira. O segundo fenômeno, de maior difusão e com uma influência decisiva para muitos, refere-se ao facto de muitos dos migrantes construírem as suas relações sociais quotidianas com tchecos que dominam o português.

Em relação ao campo laboral, um exemplo das possibilidades a disposição dos brasileiros refere-se as empresas internacionais que optaram por localizar os seus centros de atendimento telefónico na República Tcheca. Nestes se torna necessária a presença de nativos de diversas línguas, entre os quais o português, de modo a proporcionar um atendimento personalizado a clientes situados nos países lusófonos. Dada a pouca experiência requerida e a relativa facilidade de contratação, estes centros tem servido como primeiro emprego para muitos dos brasileiros, enquanto procuram outras oportunidades de trabalho. Outro exemplo de inserção laboral através da língua refere-se a contratação de brasileiros como professores de português, sobretudo para aulas particulares. Sendo falantes nativos, os brasileiros encontram-se numa situação privilegiada para desempenhar esta profissão, com alguma procura no país. A língua portuguesa tem tido uma presença contínua na área do ensino da República Tcheca desde os anos 50, centrando-se sobretudo no meio académicas e na área das traduções.

Com a abertura proporcionada pela Revolução de Veludo, emerge um enorme desejo pela aprendizagem de línguas estrangeiras, e tem-se observado um contínuo aumento no número de interessados na língua portuguesa, sobretudo no últimos cinco anos. Alguns dos factores para tal referem-se a uma diversificação dos interesses para além das línguas mais populares, como o inglês ou o espanhol, o aumento dos fluxos turísticos entre República Tcheca, Brasil e Portugal, e ainda o reforço das relações comerciais. Um dos passos decisivos parece ter sido a aposta de ambos os governos na área do ensino, com o Brasil a designar uma leitora brasileira permanente para o Curso de Estudos Portugueses, e Portugal a inaugurar e desenvolver um Centro de Língua Portuguesa na capital, com uma grande ênfase nas relações culturais lusófonas, sendo ambas as iniciativas ligadas a Universidade de Carlos. Note-se ainda que da escassa presença de migrantes brasileiros em cidades como Brno ou Olomouc, podemos referir o ensino da língua como a sua principal ocupação.

Detenhamo-nos agora na questão da língua portuguesa e a inserção social dos migrantes. Se a aprendizagem do português por parte dos tchecos pode ter um papel na inserção profissional de diversos migrantes, a sua importância para a componente social da sua experiência migratória revela-se decisiva. De facto, a esmagadora maioria dos brasileiros conta com pessoas tchecas que falam português no seu círculo de relações sociais próximas ou distantes. Para os tchecos, esta língua tem diversas atrações, entre as quais o facto de ser falado num grande número de países do mundo, espalhados por quatro continentes. É vista como um ponto de acesso a variados povos e culturas, com destaque para Portugal e Brasil, e muitos começam a estudar a língua por se sentirem atraídos por uma das suas expressões culturais em particular, como seja a música brasileira ou a literatura portuguesa. Depois, ao longo da aprendizagem tomam progressivamente um maior conhecimento de outras realidades. E é precisamente esta atitude gnoseológica, referente não apenas ao português como sistema linguístico, mas como elemento cultural utilizado por pessoas concretas, que leva a que os tchecos falantes tenham um modo de agir particular em relação aos migrantes. A própria decisão de aprender uma língua refere-se em geral a um desejo inicial de contactar e conhecer, a um interesse direccionado para os povos que a utilizam. Uma análise aos processos correntes no ensino da língua permite verificar uma indissociabilidade entre a aprendizagem da fala, e a aprendizagem relacional. Desde logo, a primeira frase aprendida, “Bom dia, tudo bem? Como você se chama? Meu nome é Petr”, inaugura uma

relação social com um Outro, falante nativo real ou imaginado¹⁸. Assim, a primeira aula converte-se no início de um diálogo, entre o aluno e todos os outros que falam esta língua. Ao longo do tempo, cria-se uma progressiva familiaridade, ainda que imaginada, com estes “estrangeiros” de países distantes. Os estudantes aprofundam o seu conhecimento sobre eles, e constroem representações mentais e simbólicas cada vez mais complexas, tendencialmente positivas. Invariavelmente, ocorre o passo considerado central para a sua aprendizagem: o contacto directo cada vez maior com falantes nativos, em contextos sociais concretos. E para tal, existem duas possibilidades ao seu dispor: viajar para os países referidos, nos quais o Brasil é considerado um destino privilegiado, ou procurar interagir com falantes no seu próprio país, ou seja, com migrantes na República Tcheca.

A partir deste breve olhar sobre as dinâmicas sociais e subjectivas da aprendizagem da língua portuguesa, podemos compreender o facto de grande parte dos brasileiros acabar por desenvolver relações com um ou mais tchecos falantes de português. Estes tchecos desenvolvem um desejo de comunicação que os impele para sociabilizar com os migrantes, que faz ultrapassar barreiras e receios, e dispõem de um conhecimento capaz de mediar de forma mais eficaz a constituição de sentimentos positivos mútuos. No mesmo sentido, encontrar pessoas capazes de se expressar na sua própria língua torna-se para o migrante um enorme factor de segurança e atração. Estes tchecos conhecem diversos elementos referentes ao Brasil, sejam eles a história, a música, a paisagem, ou mesmo pessoas e comportamentos, o que produz uma familiaridade que permite também aos migrantes ultrapassar os sentimentos de afastamento e de fronteira sentidos em relação aos nacionais do lugar. São estes mesmos tchecos que passam a frequentar espaços ou eventos ligados a “brasilidade” ou a “lusofonia”, constituindo-se como mediadores sociais e culturais privilegiados. Assim, estas relações revelam-se também decisivas nas possibilidades de inserção social dos migrantes, e de um maior conhecimento em relação a sociedade tcheca. Estes falantes do português são capazes de conversar e explicar na língua do migrante língua várias características, práticas e concepções de vida, até aí consideradas pelos brasileiros como “diferentes”, “estranhas” ou “incompreensíveis”. Do mesmo modo, tendem a ser grandes divulgadores das gentes e culturas “lusófonas” entre os seus conterrâneos. Abre-se assim uma porta de contacto, permitindo que estas identidades se tornem

¹⁸ ver, por exemplo, Jindrová, Mlýnková e Schalková, 2001

mutuamente mais familiares, criando terreno para opiniões e representações mais complexas e tendencialmente positivas¹⁹.

Algumas Conclusões

A República Tcheca revela-se como um contexto de recepção particular. Devido a sua história recente, os fenômenos migratórios no país são ainda encarados com alguma novidade pela maioria da população. Aqui sentimentos em relação aos estrangeiros tendem a ser construídos ao longo de linhas opostas, de negação e repulsa, ou de atração e curiosidade. Este facto fica mais evidente quando falamos do Brasil e dos seus cidadãos, uma vez que as suas representações na sociedade tcheca se formaram ao longo de uma história marcada por um contacto relativamente distanciado. Assim, e por um lado, os brasileiros são inseridos juntamente com muitos outros migrantes num determinado conjunto de concepções acerca da *diferença*, que encaram o estrangeiro como uma ameaça da ordem social, uma contaminação da comunidade imaginada soberana, auto-contida e auto-regulada. Nas suas relações quotidianas, esta idéia de diferença irá produzir um afastamento entre o “brasileiro” e o nacional do país, numa dinâmica mútua de receios e inseguranças, reforçando a percepção de fronteiras entre os indivíduos e as suas identidades. Por outro lado, diversos outros “tchecos” sentem e imaginam a *diferença* como um elemento positivo, e por vezes mesmo como uma necessidade na construção da sua experiência de vida. Isto pode revelar-se por exemplo num encontro casual, no interesse pela língua, ou através da visita a espaços onde a cultura brasileira é um ponto central. Em geral, trata-se de uma atitude que potencia o contacto e o estabelecimento de relações pessoais ou laborais com os migrantes, servindo como factor de atração entre eles. Deste modo, a experiência migratória do “brasileiro” na República Tcheca oscila diariamente entre estes dois pólos, entre o desejo e o repúdio, e é nesse contexto que terá de construir a sua ação, bem como as suas redes de relacionamentos.

Outra condição da experiência social do migrante que gostaríamos aqui de enfatizar refere-se as suas relações com outros brasileiros. Alguns deles farão parte das suas sociabilidades desde o início, por exemplo quando pertencem a rede de conhecimentos que recebem o migrante. Com alguns outros, ele tomará contacto em

¹⁹ Oliveira, 2007

encontros casuais ou em espaços de “brasilidade” partilhados. As suas relações irão se desenvolvendo, numa dinâmica social que envolve tanto as suas identidades colectivas como pessoais. E se de facto o relacionamento entre brasileiros assume-se como um dos principais elementos da sua experiência, optamos no entanto pela não utilização do termo “comunidade brasileira” para caracterizar este conjunto de migrantes, por diversas razões. O conceito de “comunidade”, com toda a sua história de utilização sociológica, política e quotidiana, remete-nos para a ideia de seres sociais que se consideram semelhantes, partilhando características e por isso se relacionando entre si de forma privilegiada. Estes conjuntos tendem a ser construídos por oposição a outros grupos, e a pressupor a existência de fronteiras relativamente bem delimitadas entre eles.

Quanto a nos, esta imagem não se torna capaz de uma caracterização rigorosa da experiência social destes migrantes. Desde logo, diversos estudos nessa área tem vindo a demonstrar a impossibilidade de se definir uma “comunidade” brasileira unificada entre os migrantes presentes num dado país, ou mesmo numa cidade²⁰. Neste mesmo sentido, a República Tcheca não é uma excepção. Em termos simbólicos, verificamos que as concepções e experiências de “ser brasileiro” e de “ser migrante” varia entre grupos de amigos, e mesmo entre indivíduos, emergindo assim toda uma multiplicidade de identidades pessoais e colectivas, que podem ou não se referir a identidade nacional como factor central. Em termos das suas práticas e sociabilidades, a observação realizada tende a revelar que os migrantes não formam uma “comunidade” no sentido de um conjunto de relações coeso e bem delimitado. Pelo contrário, cada um deles encontra-se imerso em múltiplas sociabilidades, constituídas por brasileiros, tchecos, e indivíduos de outras nacionalidades, e isso se torna evidente precisamente nos espaços de “brasilidade”. As formações sociais neles emergentes apenas podem ser caracterizadas como pertencentes a uma “comunidade brasileira” por um processo de inviabilização do papel dos “tchecos” presentes nestes contextos. Na verdade, eles são parte essencial e activa da maioria dos grupos sociais que se vão formando em torno da “cultura brasileira”, participando de igual modo nas dinâmicas sociais e culturais presentes.

Na sequência desta breve reflexão, gostaríamos de realçar a complexidade do papel da construção de *semelhanças* e *diferenças* na constituição de sociabilidades e de

grupos sociais. A ênfase na diferença entre um “tcheco” e um “brasileiro” tanto pode provocar um afastamento entre eles como servir de base para um relacionamento social, que pode com o tempo transcender ou não esta mesma diferenciação. No mesmo sentido, uma semelhança percebida entre “brasileiros” tanto serve como campo de construção relacional, como pode despoletar afastamentos e competições. Assim, consideramos que qualquer caracterização da presença destes migrantes tem de ter em conta uma análise destas múltiplas dinâmicas, de aproximação e afastamento, entre os diversos agentes sociais presentes no contexto migratório. Apenas deste modo poderemos construir uma imagem das complexidades da sua experiência de migração, revelando assim as profundas promiscuidades e subjectividades inerentes aos seus sentimentos, práticas e identidades.

Bibliografia

Drbohlav, D., 2005, *From Liberal Policy to EU Membership*, Univerzita Karlova, Praga

Horáková, M., 2000, *Legal and illegal labour migration in the Czech Republic: Background and current trends*, International Labour Office, Genebra

Jindrová, Mlýnková e Schalková, 2001, *Portugalština*, Leda – Praga

Machado, Igor J. R. (org.), 2006, *Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal*, EdUFSCar

Oliveira, S. P., 2006, *Sem Lenco nem Documento: brasileiros nao documentados em Portugal*, in: Machado, Igor J. R. (org.), 2006, *Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal*, EdUFSCar

Oliveira, S. P., 2007, *As Novas Comunidades Lusófonas: imigrantes e estrangeiros em Praga e Berlim*; Conferência apresentada na Universidade Carlos; Praga

²⁰ Machado, 2006

Oliveira, S. P., *Brasileiros na Nova Europa: um estudo sobre dinamicas de aproximacao e afastamento entre seres sociais*

Sedlak, L., 2009, *The Czech foreign police and immigration: an interview with the director of Czech Foreigners Police Department Colonel Vladislav Husak*. In: *The New Presence: The Prague Journal of Central European Affairs*, Praga

Šišová, L., 2005, *Czech Immigration Policy*, Final Research Paper, IMS FSV UK

Štěpánek, P., 2008, *Afinidades Historicais e Culturais entre o Brasil e a República Tcheca*, L. Marek, Brno